Brasília

TEATRO NACIONAL

Uma pirâmide asteca vira verdadeiro teatro, 19 anos depois

Sala Villa Lobos recebe presidente Geisel com acústica deficiente

A Sala Vila Lobos não tem um perfeito sistema de acústica. Este é um dos principais obstáculos que a equipe encarregada de montar a aparelhagem de som daquela sala do Teatro Nacional, que será inaugurado, hoje, às 21 horas, pelo presidente Geisel, está encontrando para oferecer ao público «um espetáculo à altura de uma das maiores obras realizadas pelo governo Elmo Serejo Farias».

Um dos técnicos disse que já foram providenciados quatro microfones instalados à frente da orquestra do Teatro Nacional, que abre hoje a temporada de concertos em Brasília, como forma de minorar o problema. «Em nenhuma sala de concerto do mundo existe isso» — ressaltou. Esse entrave de última hora, a pressa com que o governo local «tocou» a obra, a fim de entregá-la na administração Geisel».

ENSAIOS

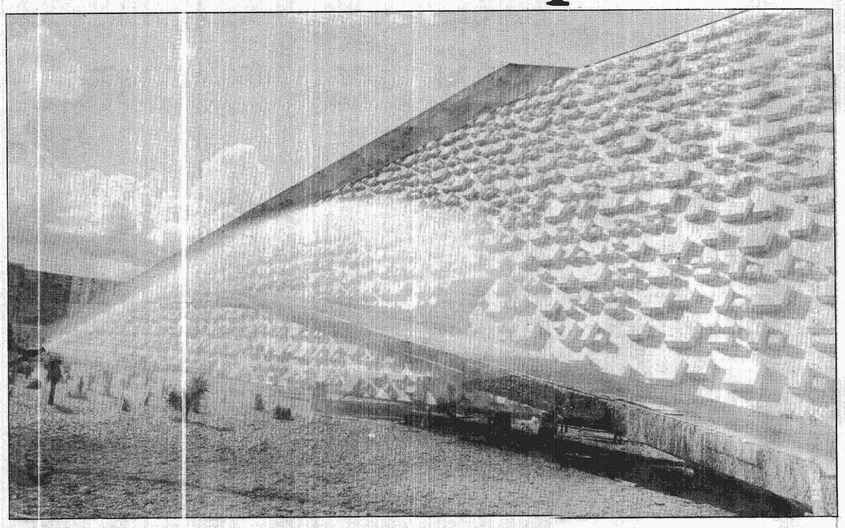
Ontem, a Orquestra do Teatro Nacional de Brasília, que tem à frente o maestro Cláudio Santoro, deu os seus últimos retoques com vista ao concerto de hoje. Os componentes, num total de 80 músicos, ensaiaram as três obras do Vila Lobos — Bachianas Número 4; Uirapu e Choros Número 10 — que serão apresentadas a uma platéia de mais de 1.200 pessoas, contando com a presença do presidente Geisel, general João Baptista de Figueiredo, ministros de Estado, corpo diplomático e o alto escalão do GDF.

A Orquestra do Teatro Nacional de Brasília tem por base, praticamente, a antiga Orquestra Sinfônica do Distrito Federal, que realizou vários concertos na temporada passada. De acordo com o maestro Cláudio Santoro, a nova orquestra conta com a participação do Quarteto de Cordas e o Quinteto de Sopro da Universidade de Brasília. O violinista Corujo, vindo especialmente do Rio de Janeiro para esta apresentação, é um dos «spalas» da orquestra.

Para Santoro, grande parte dos músicos que compõem a orquestra é conhecida mundialmente, existindo, por outro lado, jovens iniciantes, como é o caso de Lúcia Valesca, de 13 anos, «que já se encontra preparada para ingressar em qualquer orquestra do mundo».

Cláudio Santoro, que estava na Alemanha e voltou ao país a convite da UnB, disse não ser suficiente que o governo construa apenas grandes teatros sem dar a devida valorização ao músico.

— É necessário que se dê ao teatro brasiliense as condições artísticas e, principalmente financeiras. O governo precisa de fornecer mais verbas para um perfeito funcionamento dos corpos estáveis e de técnicas artísticas. Se isso não for feito muito breve, perderemos vários elementos jovens de muito bom nível, que existem em Brasília, que podem ser absorvidos por outras cidades e, por que não, por outros países»



Os relevos de Athos Bulcão receberam, ontem, uma ducha de água que lhes devolveu a nova cor, o branco

Artistas não puderam ensaiar na Martins Penna

A Sala Martins Penna, que será inaugurada amanhã com a peça **Martins Penna em Tempo de Abertura**, ainda não pôde ser usada por seu elenco, para ensaios, devido à ultimação dos preparativos para sua entrega, concentrados na conclusão da Sala Villa Lobos porque vai haver uma grande festividade com inauguração do Teatro Nacional que contará com a presença do presidente em exercício, diz Geraldo Torres, ator da peça e membro da diretoria da Federação do Teatro Amador do Distrito Federal. "Já deríamos estar ensaiando lá há uma semana pelo menos e isto demonstra que a preocupação existente não se refere à cultura propriamente, mas sim a uma vaidade oficial. Não cabe aqui responsabilizar a FCDF, mas sim a todo um esquema que vem de cima. Tudo aquilo que era de responsabilidade da Fetadif está pronto, embora tenhamos tido muito pouco tempo para a montagem da peça".

A posição pessoal de Geraldo com relação à inauguração da nova Sala é de que se trata de uma obra faraônica e de estrutura elitista, cujos gastos poderiam ser revertidos na construção de salas de espetáculos nas cidades satélites, ou na conclusão de algumas já iniciadas, como o Garagem, do Sesc.

A Sala Martins Penna é, no seu modo de ver, apenas mais um espaço para os grupos locais, que têm acorrido à Fetadif para conseguir apresentações nela.

— Infelizmente, diz ele, existe uma mentalidade de prima-dona no meio do pessoal de teatro amador, que vê neste esquema "teatrão" uma questão de status. Isto acontece porque ainda não existe uma consciência de classe entre nós.

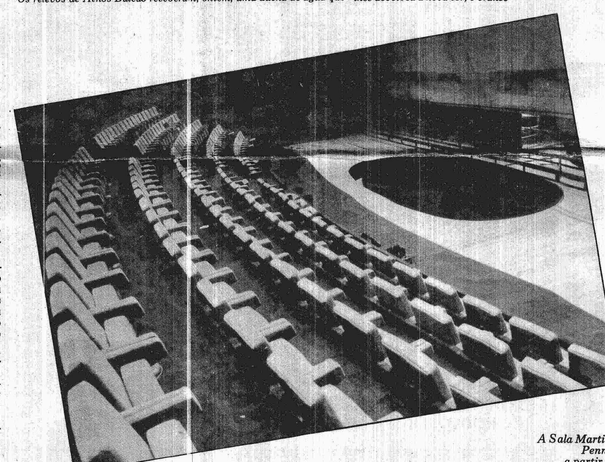
Kido, que é o coordenador musical de **Martins Penna em Tempo de Abertura**, também lamenta que o grupo ainda não tenha tido tempo de ensaiar na nova Sala, pois há necessidade de todo um processo de familiarização com o palco:

— Estive lá no sábado e só tinha sido concluída a mesa de iluminação; a cortina estava sem freio, a cobertura de trás do palco ainda não existia, os camarins não estavam concluídos e a mesa de som não havia sido instalada. Mesmo se a Sala for entregue hoje, o tempo vai ser pouco, pois a iluminação, que é fundamental na peça, [illegible] no projeto [illegible], além das questões de organização dos músicos e adaptação ao palco. A sonoplastia também é muito importante na peça e tem menos mistério que a iluminação, coisa só de apertar o botãozinho na hora certa. Mas o problema maior é o teste de instalação.

Para Chico Expedito, ex-presidente da Fetadif e diretor do Grupo Khatarsis, uma discussão que surgiu com a inauguração da Sala Martins Penna — se o teatro amador deve ou não trabalhar nela por causa do público que vai frequentá-la — não tem sentido:

— Acho boba esta discussão. Nosso trabalho no DF já conquistou seu público preferencial, que é o assalariado e que vai continuar a assistir nossas apresentações mesmo lá. Mas o problema é que na Sala Martins Penna fica-se em função da sala de espetáculos, que tem recursos que a gente nem sabe usar e é tão caro que nem vale a pena. Nossa briga é que nosso público vá lá, não interessa a casa de espetáculo em si, a menos que se proíba o povo de lá entrar. Isto aparentemente é um absurdo, mas em Goiânia, recentemente, tivemos uma experiência — embora o teatro tenha uma placa dizendo que pertence ao povo, eu mesmo fui barrado por não estar vestido adequadamente.

— Para mim, a Sala Martins Penna é apenas mais um espaço, diz Humberto Pedrancini, vice-presidente da Fetadif. "Muito mais importante que tudo isto é o teatro amador nas cidades satélites. Os gastos imensos que se fizeram, podiam ter sido canalizados para a criação de novas salas. Ao construído, no entanto, a sala Martins Penna é um espaço que precisa ser conquistado. Espero que este teatro não seja apenas sinônimo de status, mas que possibilite a apresentação de um trabalho de valor e que tenha preços accessíveis.



A Sala Martins Penna, a partir de amanhã, mostrará Martins Penna em Tempo de Abertura

Grupo utiliza hall do teatro para apresentação

A reabertura do Teatro Nacional promete muita novidade e movimentação para o setor musical e teatral da cidade.

Amanhã mesmo, o hall do teatro será palco de uma apresentação do grupo **Leite & Mel do Cerrado** que vai apresentar a peça **Tenham Pena de Martins**.

Os integrantes da equipe estão divulgando um convite à população para que prestigie a estréia dessa montagem, inspirada na obra de Martins Penna.

Eis o convite:

"Montagem do Grupo sobre o texto **O Caixeiro da Taverna**, de Luiz Carlos Martins Penna, inaugurando o lado de fora do **Teatro Nacional**. Participando da festa: George Duarte, Marley Moura, Heron Santiago, Jhuanita Maryzi, Felippe Ribeiro, Shirley Maria Cantiga de roda, Sissi Cigana Imperatriz Brasileira, Leila New Chyna e quem pintar na sequência.

O trabalho do grupo não tem diretor. Nós resolvemos entenar definitivamente este psonagem. A dução é grupal e dos convidados que assistum os ensaios do trabalho.

A apresentação será às 20 horas no Hall de entrada da sala "Martins Penna" amanhã.

Martins Penna é o curso primário do teatro brasileiro, voltamos então às origens para começar tudo de novo... "começaria tudo outr avez, se preciso fosse..." E a reinauguração, estamos todos em festa. Vamos tomar daquele vinho que nos oferece o caixeiro da taverna (o único depósito da companhia do alto-douro).

E seja lá o que os santos e orixás quiserem!

Aguardamos todos vocês para a festa!

PROGRAMAÇÃO

Intensa programação cultural foi programada para a primeira semana desta nova fase de funcionamento do Teatro Nacional. Para as primeiras seguintes, ainda não estão confirmadas, mas já é quase certo que a cidade verá *Macunaíma, Revista do Henfil* e *Muro Em Ponta de Faca*, espetáculos do eixo Rio-São Paulo, sucesso absoluto de público e crítica.

A programação geral da noite de hoje e da semana, que se estenderá até o dia 11, é a seguinte: *Concerto a cargo da Orquestra e do Coro do Teatro Nacional de Brasília*, sob supervisão geral do maestro Levino Ferreira de Alcantara e tendo como regente o maestro Cláudio Santoro. O programa compreenderá apenas obras de Villa Lobos: *Bachiana nº 4 Prelúdio/Introdução; Ocrall Canto do Sertão; Aria/Cantiga e Dança/Miudinho; Uirapuru; e Choro nº 10* (coro e orquestra).

Esse concerto será reapresentado às 21 horas da próxima sexta-feira, com ingressos de Cr$ 100,00 (inteira) e Cr$ 50,00 (meia) e às 16 horas de domingo, com ingressos a Cr$ 60,00 e Cr$ 30,00. O programa inaugural da Sala Villa Lobos foi organizado pela Fundação Cultural do Distrito Federal, com o co-patrocínio do Ministério da Educação e Cultura, Escola de Música de Brasília e Universidade de Brasília.

EXPOSIÇÃO

Após o concerto inaugural da noite de hoje, será aberta, no *foyer* superior da Sala Villa Lobos, a exposição «Arte Indígena no Brasil» promovida pela FCDF com a colaboração da Fundação Nacional do Índio — Funai, do Ministério do Interior, Centro Nacional de Referência Cultural, Instituto Anthropos e de colecionadores particulares. Montagem a cargo da arquiteta Gisela Magalhães e da equipe da FCDF.

SALA MARTINS PENNA

Completamente restaurada, a nova Sala Martins Penna será reaberta às 21 horas de amanhã, com a peça *Martins Penna em Tempo de Abertura*, encenada por grupos filiados à Federação de Teatro Amador do Distrito Federal — Fetadif. O espetáculo será reapresentado diariamente às 21 horas, de hoje a domingo, estando prevista, também, uma sessão às 16 horas de domingo. Os ingressos, para todas as sessões noturnas, serão a Cr$ 80,00 e Cr$ 40,00, sendo que, para a sessão de domingo à tarde, serão Cr$ 60,00 e Cr$ 30,00.

A direção geral do espetáculo está a cargo de Dácio Lima e reúna artistas de dez grupos de teatro amador do Distrito Federal.

SALA ALBERTO NEPOMUCENO

Trata-se de nova sala construída no Teatro Nacional de Brasília e que será aberta às 21 horas da próxima quinta-feira, com um concerto de obras do compositor que deu nome à sala. O programa terá a participação da cantora Sônia Born, da pianista Elza Kazuko Gushiken e do Quarteto de Cordas da Universidade de Brasília que apresentarão: «Xácara» *opus* 20, nº 1; «Ao Amanhecer» *opus* 34, nº 1; «Anoitecer» *opus 34*, nº 2; «Galhofeira»; «A Jangada»; «Trovas», *opus 29*, nº 1; «Trovas» *opus* 29, nº 2; «Despedida» *opus* 30, nº 2.

Os ingressos do dia 8 serão Cr$ 80,00 e Cr$ 40,00. O mesmo concerto será apresentado às 21 horas de domingo, dia 11, com os mesmos preços.

A FCDF organizou a primeira semana das três salas do Teatro Nacional de Brasília com artista brasiliense comprovando, assim, as possibilidades de serem desenvolvidos programas artísticos, de teatro e música, com grupos locais.

Comunidade quer um teatro para o povo

«O projeto do Teatro Nacional é popular, ele foi criado realmente para o povo, e a sua inauguração vai atender a uma elite, o que é contraditório e injusto. Os seus dirigentes devem torná-lo popular e as peças de autores brasileiros ou não que estão proibidos pela Censura devem ser liberadas para que possam ser levadas aqui» diz Beatriz Rodrigues, 21 anos, estudante de Enfermagem, sobre inauguração do Teatro Nacional, hoje às 21 horas, com apresentação da Orquestra Sinfônica de Brasília.

Charam Khorramshahi, 24 anos, estudante de Música da UnB, acredita que «não adianta ter apenas um lugar para apresentação de shows, musicais ou não». O que é de fundamental importância é dar-se condições infraestruturais ao artista para que possa desenvolver-se. Nós, músicos, geralmente temos problemas financeiros, que nos impedem de estudar mais tempo. Isso tem que ser visto, os órgãos competentes têm que encontrar uma solução, não adianta apenas estar formado, é imprescindível que o estudo possa ter continuidade.»

O programador visual Ralf Tadeu Guehre, de 26 anos, membro do Grupo de Teatro Coorte, disse estar «maravilhado com a inauguração, pois já conseguiu que a peça ensaiada por ele e por seus companheiros de equipe, As Pimicias, de Dias Gomes, seja levada no dia oito de maio na Sala Martins Penna. Ressaltou a necessidade de se criar a Fundação Teatro Nacional de Brasília, «porque a Fundação Cultural não terá condições de continuar arcando com os problemas do teatro na Capital.»

«Um teatro desse porte nunca dá espetáculo para o povão, só para a elite, mas espero que ele cumpra seu plano original e nós, o povo, tenhamos vez», comenta Ricardo Rocha, programador de computador, 22 anos, no que foi seguido por Júlio César Barbosa, de 16 anos, estudante de Segundo Grau, que ressalta: «os preços devem ser populares para que um maior número de pessoas tenha acesso aos espetáculos.»

Para Maria Cristina Azevedo, 26 anos, professora primária, «as crianças não devem ser esquecidas. O Teatro Nacional, que terá um conforto excepcional, diferente dos outros teatros de Brasília, não pode deixar de pensar em trazer peças infantis, pois as crianças são responsáveis pelo amanhã do nosso país, e a arte é fundamental na formação do caráter, além de ser uma fonte de informação extremamente enriquecedora. Sugiro que a peça **Os Saltimbancos**, inaugure a fase infantil do Teatro Nacional».

Autor de Bachianas, é homenageado

A Orquestra Sinfônica de Brasília, hoje só executa peças de Heitor Villa-Lobos, na noite de reabertura do Teatro Nacional.

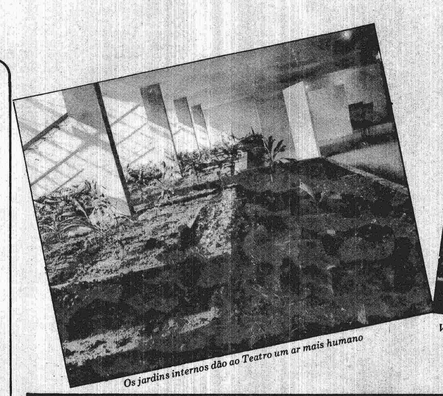
Na sala que leva seu nome, o autor das *Bachianas*, será relembrado.

Heitor Villa-Lobos, carioca do ano de 1887, já aos 13 anos de idade se tornara assíduo frequentador de serenatas. Essa prática e precoce experiência boêmia se estendeu a um exímio conhecimento do violão e resultou na grandiosa obra composta por prelúdios, bachianas", études" e diversos gêneros musicais que perpetuam a música erudita de Villa-Lobos na cultura nacional.

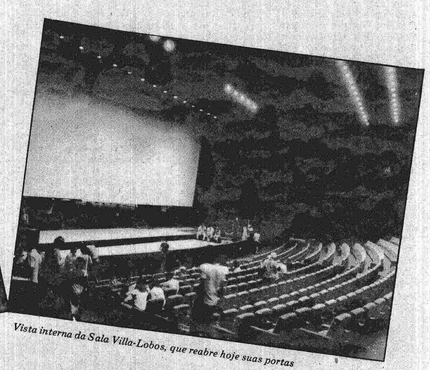
O compositor teve íntima convivência com a música do povo brasileiro, tendo percorrido vários estados do norte do país em busca do conhecimento de nossa cultura. De volta ao Rio de Janeiro, pensou em sistematizar sua formação musical. Mas logo se indispôs com a rígida disciplina do Instituto Nacional de Música e, novamente, parte para o interior brasileiro, assimilando manifestações do folclore musical do sul, centro-oeste e por fim, da Amazônia.

Com uma espantosa produtividade e abordando os mais diversos gêneros, Villa-Lobos já elevava para cerca de mil o número de suas composições. Em várias obras desse período (1913), é também marcante a influência do grande Debussy e, numa atmosfera tipicamente impressionista, aparecem as *Danças Africanas*, composição que traz um cunho de generalidade e autêntico material afro-brasileiro e ameríndio.

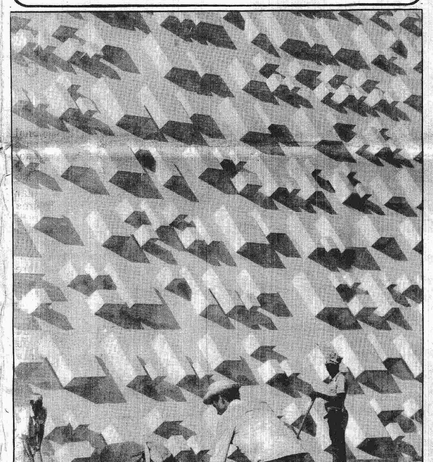
Ainda transparecendo influência estrangeira mas já espressando uma linguagem própria, o compositor começa, já na semana de arte moderna, em 1922, a se impor no cenário nacional. O resultado de tudo é um vasto painel rapsódico, onde as desigualdades, inevitáveis por força de sua imensa produção, são compensadas pela predominância de obras de alto valor. Entre essas, várias possuem significação universal e como constante uma marca viva e forte de legítimo nacionalismo e expressão da cultura brasileira. O compositor veio a falecer no Rio de Janeiro a 17 de novembro de 1959, mas seu nome e sua contribuição à cultura nacional estão presentes na memória de todos os brasileiros que conhecem sua obra.



Os jardins internos dão ao Teatro um ar mais humano



Vista interna da Sala Villa-Lobos, que reabre hoje suas portas



Os operários fizeram ontem, os últimos e urgentes retoques. Mas a obra, ainda não foi concluída como um todo,

Lúcia, de 13 anos, toca violoncelo no concerto

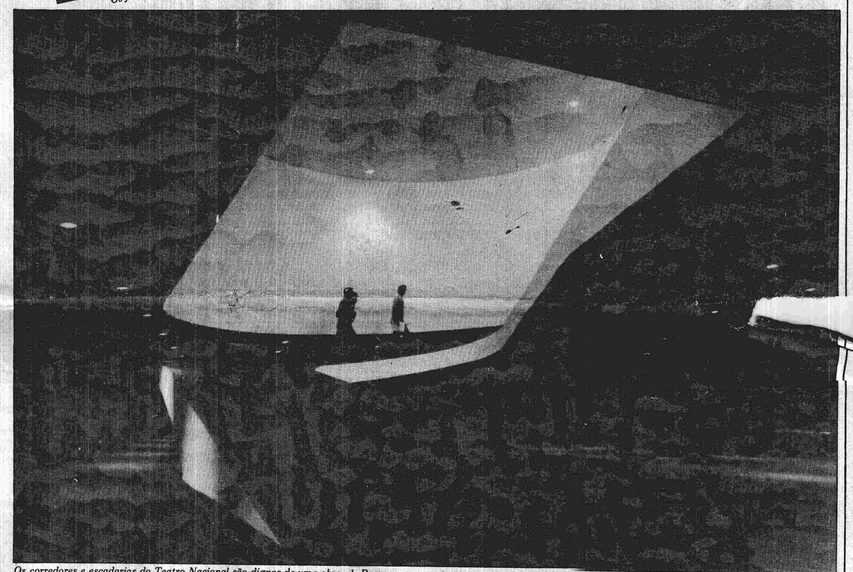
A mais nova componente da Orquestra do Teatro Nacional de Brasília é Lúcia Valesca, de 13 anos de idade. Ela toca violoncelo há cinco anos e não esconde seu desejo de ser um dos músicos mais famosos do Brasil. "Confiança no meu trabalho é o que não me falta. Estudo violoncelo duas horas por dia e pretendo ganhar a vida através da música, pois acredito nessa profissão, tão sofrida no país. Mas novos caminhos estão se abrindo, como é o caso desta verdadeira obra de arte que é o Teatro Nacional. E tudo isso representa novos mercados de trabalho".

Lúcia Valesca nasceu na Alemanha, mas veio para o Brasil com um ano e meio de idade. Foi incentivada a aprender o instrumento pelos seus pais e avô, "que sempre desejaram que eu seguisse carreira". Ela iniciou seus estudos aqui em Brasília com o professor Guerra Vicente.

— Sou a mais nova na orquestra, mas jamais me tratam como uma novata. Tenho a impressão de que músicos mais velhos acreditam muito em mim, caso contrário eu não estaria aqui, não é verdade?"

Ela pretende mais tarde, ser solista da orquestra.

Indagada se não iria se sentir nervosa ao tocar para uma platéia selecionada, que conta, inclusive, com a presença do presidente Geisel, Lúcia Valesca respondeu: "É claro que a gente "amarela" um pouco. Mas com o decorrer da sinfonia acredito que tudo ficará melhor. Afinal de contas, apresentar-se para um presidente da República sempre nos deixa um pouco inibida", acrescentou.



Os corredores e escadarias do Teatro Nacional são dignos de uma obra de Borges

A obra revela grandeza criativa de Niemeyer

Eclison Tito

Falar-se em labirinto, no caso da arquitetura interna do Teatro Nacional, certamente desmerecería a imaginação ampla dos idealizadores de seus espaços, salas, escadarias, corredores, entradas e saídas dignas dos melhores vôos da imaginação do escritor Borges, mestre do gênero na ficção, que ao contrário do cidadão desavisado, se sentiria muito à vontade ao percorrê-lhe os meandros.

Mesmo porque a imaginação de seus autores desagua numa geometria onde o rigor, a leveza e o inesperado dos espaços que se revelam a cada instante ao desprevenido que transita por suas galerias, desautoriza tal metáfora arqueológica.

De qualquer forma, no estágio em que se encontram as obras nas partes menos expostas ao público — o que nos leva de imediato à hipótese de uma inauguração apenas oportunista, apesar de esperada há anos — o cidadão distraído que penetre em seus interiores não deve deixar de se valer de um fio de Ariadne, por mínimo que seja, como a ajuda de alguém conhecedor das plantas, já que até mesmo os operários costumam desviar os rumos, quando se adentram em demasia pelas suas reentrâncias.

De qualquer forma, estas são considerações de um cidadão comum, pouco afeito à monumentalidade e às estruturas complexas dos grandes teatros internacionais, claro, às quais se juntam automaticamente a impressão ou o impacto causados por uma incursão desprevenida a um espaço sem dúvida desconcertante, no mínimo incomum em termos de Brasil, produto do que se poderia chamar, sociologicamente, de efeito-demonstração. Para tudo isso, contribui a descontinuidade abrupta entre as partes que serão inauguradas e grande parte da obra ainda por concluir, em estágio pouco adiantado, contradições, diriam os eternos descontentes...

Mas a monumentalidade dessa geometria deslumbrante e exaustiva seria assim tão real? Certamente essa é uma questão de inegável sabor nominalista, bizantina, o interessa muito pouco ao cidadão desprevenido. Há quem diga, que foram construídos camarins gigantes, capazes de abrigar um elefante, medida de precaução para o caso de se vir a apresentar Aída, de Verdi. Como tudo é possível aos que crêem, desde que mereçam, as mãs línguas que se cuidem...

Visto de fora, sobretudo a uma certa distância, o Teatro parece levemente pousado, erguendo-se do chão com uma imponência marcada pela sobriedade, sugerindo os contornos de uma pirâmide asteca. Não há como negar a beleza da criação de Niemeyer e a vivancidade que os relevos de Athos Bulcão conferem à arquitetura, acentuada pelo contraste que estabelece com o Conjunto Nacional à sua frente, ladeado pela Estação Rodoviária e o Setor Bancário Norte.

Chegando mais perto, o visitante, como alguns turistas que já povoam os arredores com suas câmeras em punho, poderá entrar no teatro pela porta principal, ou pela posterior, já que as entradas laterais funcionarão como saída, após o espetáculo de inauguração. Igualmente belas e simples logo à entrada da parte posterior, depara-se com um painel de azulejos amarelos, onde começam os corredores que vão dar às várias salas e setores do teatro, desde banheiros, discretamente postos nas laterais, até os elevadores, cabines telefônicas, camarins, salas de espetáculo e todas as demais pendências.

Pela entrada principal, o espectador depara-se com um foyer ladeado de pequenos jardins suspensos, com um painel em vidro onde se encontra a exposição **Arte Indígena do Brasil**. Mas se preferir ir direto à Sala Villa-Lobos, espaço maior do Teatro, pode descer a pequena escada lateral que liga o foyer à entrada da sala onde o espaço se amplia, a arquitetura encontra-se com o chão, são maiores os jardins e há balcões de mármore. Daí até a sala, basta descer uma pequena rampa, toda carpetada em verde, como a Villa-Lobos, onde o aguarda 1.300 cadeiras em veludo do mesmo tom, além de dois camarotes com poucos lugares, na parte superior à direita, cujo acesso se faz por um corredor que se prolonga por detrás da sala. Ao fundo, fica o palco, de dimensões consideráveis, separado do público mais por uma solução plástica do que especial. As cortinas são do mesmo tom verde, protegidas por um anteparo em cor branca. Nas paredes, discretamente situadas, estão algumas luminárias, caixas de som e ar condicionado. Por trás do palco, funciona o elevador da orquestra, canal de acesso para os músicos, que dispõem de vários camarins comuns, de reduzidas dimensões e camarins especiais, destinados ao afinamento dos instrumentos antes dos espetáculos, sendo que na parte lateral há acomodações para cerca de 40 figurantes. De frente para a ribalta, no andar superior, fica a casa das máquinas, rigorosamente equipada, com cerca de 80 **spots** protegidos por lá de vidro, que absorvem o som e produzem efeitos especiais de luz. As lâmpadas estão incrustracas no teto, conferindo a sala uma luminosidade suave.

Por trás da Villa-Lobos, está a sala Martins Penna, com seus 700 lugares originais reduzidos para a metade, após as reformas, com cadeiras em veludo amarelo, carpetada e com cortinas de tom marron. A arquitetura de seu palco é bastante original, podendo servir a diversos tipos de espetáculo, apesar das dimensões pouco amplas.

A sala Alberto Nepomuceno, que compõe com as anteriores, os três espaços de espetáculo a serem inaugurados esta semana, fica logo à esquerda de quem entra, um pouco acima de Villa-Lobos.

Toda carpetada em vermelho, inclusive o veludo das poltranas, ela possui 95 lugares e se destina especialmente aos concertos de música de câmera.

Em todos os andares, a estrutura é bastante recorrente, com várias salas destinadas as mais diversas atividades — banheiros, camarins com pequenos espaços laterais às paredes, destinados a servirem de barzinhos aos artistas, sendo que cada sala tem sua casa de máquinas específica. Com predominância do tom verde, os camarins e instalações não ostentam o mesmo brilho das salas, o que fa jus à observação, já clássica, de que os grandes teatros e países se conhecem pelos banheiros.

No último andar, espécie de cobertura, ficam o restaurante e um bar mais sofisticado, com capacidade para um bom número e pessoas, com excelente vista para o lago Paranoá, onde o público mais acostumado poderá se reunir antes e após os espetáculos, satisfazendo dessa forma, as queixas de muitos espectadores, automaticamente desobrigados de frequentar o Teatro da Escola Parque, onde não há local apropriado para se conversar e discutir o que se acaba de assistir... Infelizmente, sua inauguração, como a de vários setores do teatro, ainda não tem data prevista.

Lateralmete ao setor de espetáculos à esquerda, que tentamos descrever, fica o Anexo onde funcionam as centrais telefônica, elétrica e hidráulica, também ainda por inaugurar. Separado do teatro propriamente dito por um pequeno corredor, possui a característica sui generis de ser iluminado naturalmente por pequenas aberturas deixadas no teto de cimento armado.

Os andares estão interligados por três elevadores, mas há uma predominância, quase pelo menos por enquanto, de escadas e corredores, dado a quantidade de salas impossíveis de serem alcançadas por elevador, pela própria dinâmica de arquitetura interna, despertando o comentário, por parte de um também caminhante e conhecedor de suas galerias, de que «se destina a quem acha que viver é perigo». O que, condição à parte, não deixa de ser uma utilização bastante oportuna do celebre dito de Guimarães Rosa.